

ETNOGRAFIAS EM EQUIPA DO TURISMO.

Reflexões sobre uma experiência de trabalho de campo no Panamá

Xerardo PEREIRO; Cebaldo DE LEÓN

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal)

xperez@utad.pt, inawinapi@gmail.com

TOURISM TEAM ETHNOGRAPHIES. Reflections on a Panama Fieldwork Experience

Resumen: Este texto pretende mostrar o valor da passagem de uma etnografia individual e por vezes individualista e heroica, para uma etnografia colaborativa e em equipa mais credível cientificamente. A partir de uma investigação antropológica de um antropólogo europeu (Xerardo Pereiro) e um antropólogo latino-americano (Cebaldo de León), desenvolvida entre 2003 e 2013 em Guna Yala (Panamá). Esta região indígena autónoma na qual os gunas desenvolveram um modelo de turismo responsável. De uma forma dialógica etnográfica e biográfica apresentamos os desafios e problemas de um projeto de investigação longitudinal sobre antropologia do turismo e como eles foram resolvidos negociando as diferenças e a interculturalidade. Sublinhamos ao longo do texto como as identidades sociais dos antropólogos, as suas biografias, os seus conhecimentos e experiências e outras variáveis condicionam a construção de um conhecimento antropológico polifónico em articulação com a perícia intelectual, teórica, epistemológica, metodológica e técnica dos investigadores.

Abstract: This text intends to show the value of the passage from an individual and sometimes individualistic and heroic ethnography to a collaborative and team ethnography that is more scientifically sound. Based on an anthropological fieldwork research that joined a European anthropologist (Xerardo Pereiro) and a Latin American anthropologist (Cebaldo de León), developed between 2003 and 2013 in Guna Yala (Panama). This autonomous indigenous zone where gunas developed a responsible tourism model. In an ethnographic, biographical and dialogical format we present the challenges and problems of a longitudinal research project on anthropology of tourism and how they were solved by negotiating differences and interculturality. We emphasize throughout the text how the social identities of anthropologists, their biographies, their knowledge and experiences and other variables condition the construction of a polyphonic anthropological knowledge in articulation with the intellectual, theoretical, epistemological, methodological and technical expertise of researchers.

Palabras clave: Etnografia Colaborativa. Etnografia Em Equipa. Trabalho De Campo Antropológico. Guna Yala (Panamá)
Collaborative Ethnography. Team Ethnography. Anthropological Fieldwork. Guna Yala (Panama)

Introdução: da etnografia individual às etnografias colaborativas do turismo¹

A etnografia é o que diferencia a antropologia, é “o que o sangue dos mártires era para a Igreja Católica” (Seligman, in Stocking, 1992: 30). A etnografia é uma metodologia e um método de investigação sociocultural, um conjunto de procedimentos e regras para produzir e organizar conhecimento, e que integra (Velasco e Díaz de Rada, 1997):

Uma situação metodológica que implica estranhar-se, ter curiosidade, descrever densamente, traduzir e interpretar a realidade sociocultural com a qual lidamos. Nesta situação de encontro com outros conhecemos os seus problemas, as suas percepções, o seu comportamento e os seus modos de vida nas suas próprias palavras, vozes e miradas.

Um processo de conhecimento com base numa estadia prolongada no terreno, através da qual se estuda os significados socioculturais no seu contexto.

Uma experiência de contacto intercultural com o fim de conhecer a alteridade. Partimos da ideia de que há diferentes maneiras de fazer etnografia.

A etnografia é um enfoque, um método e um texto (cf. Guber, 2001; 2004; 2011) que tenta compreender os fenómenos socioculturais desde a perspectiva dos seus protagonistas (atores, agentes ou sujeitos sociais) e em diálogo com o intérprete que é o antropólogo. A etnografia é uma metodologia –teoria e análise de como proceder para conhecer uma realidade social e cultural– e um método –técnicas de observação, registo, análise...– (Harding, 1987: 2-3). Portanto, neste sentido duplo, a etnografia não é uma simples técnica de investigação ou um instrumento de recolha primária de dados, é algo mais. A etnografia é a forma de observar, perguntar e escrever capaz de produzir descrições e registos sobre os modos de vida do antropólogo e o dos estudados (Kenzin, 1997) numa abordagem comparativa e observacional. A etnografia é uma forma de produzir conhecimento com base na experiência do investigador (cf. Mead, 1987), isto é, um contacto direto com a realidade, um conhecimento obtido por observações e/ou por prova de ideias ou hipóteses (Hessen, 1961).

O antropólogo faz etnografia para examinar eventos singulares e microscópicos e também para responder a grandes perguntas humanas universais. Ver o universal no quotidiano e ver o quotidiano no universal são tarefas do antropólogo em trabalho de campo, independentemente de que terreno seja uma pequena comunidade, uma população migrante transnacional, uma empresa ou a comunidade global. O antropólogo estuda no trabalho de campo problemas humanos em contextos de diversidade sociocultural. O seu saber-fazer é a etnografia, uma prática profissional que podemos considerar como artesanal (Díaz de Rada, 2011), pois o terreno de investigação do antropólogo é o seu particular atelier, no qual os jovens aprendizes aprendem com os mestres.

A etnografia faz parte da identidade da antropologia e dos antropólogos (cf. Llobera, 1985; Llobera, 1990; Díaz de Rada, 2011; Fernández de Rota, 2012). Enquanto método, a etnografia é um conjunto de princípios que orientam a seleção do objeto de estudo, a formação dos conceitos apropriados, os objetivos da investigação e as hipóteses. Todo método é um caminho para chegar a algum sítio de uma maneira certa. A metodologia é um conjunto de procedimentos e regras para produzir conhecimento e está interligada com o enquadramento teórico global. Portanto é algo mais que uma técnica ou um conjunto delas. As técnicas de investigação são os procedimentos operativos e os instrumentos para produzir dados (ex.: questionários, histórias de vida, inquéritos, entrevistas, etc.). Esses dados servem para compreender os fenómenos socioculturais, para captar as relações entre os fenómenos e a intencionalidade e sentido das ações sem permanecer na parte exterior (só descrição de fenómenos).

O método etnográfico converte o antropólogo no principal instrumento de construção dos dados, é portanto uma intersubjetividade entre observador e observados. Neste sentido, consideramos a etnografia como uma prática social individualizada, mesmo ocultando a companhia no terreno de esposas, colaboradores e ajudantes de investigação. Assim, a investigação colaborativa e a etnografia em equipa representam uma ameaça à reputação dos antropólogos no campo académico disciplinar, no qual o valor do trabalho individual está sobredimensionado (cf. Lassiter, 2005).

¹ Este trabalho é financiado por: Fundos Europeus Estruturais e de Investimento, na sua componente FEDER, através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020) [Projeto n° 006971 (UID/SOC/04011)]; Referência do Financiamento: POCI-01-0145-FEDER-006971]; e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2013.

A etnografia é a descrição interpretativa do comportamento, das ideias, das crenças, dos valores, dos elementos materiais, etc. quotidianos e espontâneos de um grupo humano. A etnografia tem em conta três aspetos:

- O que as pessoas dizem e falam.
- O que as pessoas fazem, fabricam e produzem.
- O que as pessoas pensam que se deveria fazer.

Além de uma visão normativa e clássica do método etnográfico, que consideramos necessária conhecer para se iniciar em antropologia, as nossas lentes pensam hoje a etnografia como uma prática pessoal de conhecimento intersubjetivo que é objetivado através da interiorização das teorias e da construção social de etnografias desde lugares de produção concretos. O contexto, a experiência, a personalidade e o viés pessoal do antropólogo questionam portanto o objetivismo quando entendemos a etnografia como vivência pessoal. Nas palavras de Paul Rabinow:

“... el etnógrafo es un tipo de carne y hueso, con sus debilidades, sus miserias y, sin embargo, con toda su humana grandeza que pone a prueba su propia persona al intentar captar la ajena” (Rabinow, 1992: 16).

Isso não significa cair no subjetivismo mais ingénuo e inocente, porém, pensamos que por meio da reflexividade enquanto método e a análise contextual da realidade construída temos maior controlo sobre a certeza, rejeitando a verdade absoluta, das nossas etnografias (cf. Guber, 2001; 2004; 2011; Peirano, 2006).

A etnografia é um método e uma técnica de investigação basilar em antropologia (cf. Radcliffe-Brown, 1975; Spradley, 1980; Rossi e O'Higgins, 1981; Hammersley e Atkinson, 1994; Kenzin, 1997; Da Silva Ribeiro, 2003; Fife, 2005, Bernard, 2006), e noutras ciências sociais como a sociologia (cf. Guasch, 2002). Adicionalmente, é uma atitude flexível de investigação aberta no terreno à compreensão *in situ* dos problemas socioculturais:

“A etnografia é um desconhecimento atento” (Penélope Harvey, Universidade de Manchester, 10-09-2008, XI Congresso de Antropologia da FAAEE, Donostia, Euskadi - Espanha).

A etnografia não é propriamente uma metodologia qualitativa ou quantitativa, pois pode integrar as duas vertentes, mas o seu princípio teórico-metodológico é o relativismo cultural. Através dela podemos teorizar melhor os humanos -algo que a antropóloga brasileira Mariza Peirano (2006) denomina de a teoria vivida.

De acordo com Susan Tax de Freeman (1991), a observação etnográfica e a autoconsciência dos preconceitos do antropólogo são os pontos fortes do seu trabalho e aquilo que o valida. A observação, diz-nos Tax de Freeman (1991: 130-135), permite compreender uma cultura na intimidade dos nativos, convivendo com eles e tendo em conta a condição familiar do antropólogo, a sua residência, a idade, o sexo, a personalidade, a sua relação com a estrutura da cultura local, a sua biografia e o distanciamento para uma análise comparativa. Esta antropóloga Tax de Freeman (1991: 130) também afirma que a compreensão do antropólogo e a sua observação são sempre incompletas, e nenhuma cultura é completamente compreendida, e assim os antropólogos precisam uns dos outros.

Neste último sentido, a tradição antropológica sublinha o método etnográfico como uma iniciação solitária, em contato direto prolongado e misterioso com o outro, através do qual se vai aprendendo a prática do ofício de etnógrafo. Mas hoje a antropologia está mudar a noção de etnografia convertendo-a num método de co-investigação, investigação participada, investigação em equipa e coautoria nalguns casos (cf. Pereiro e De León, 2007; Dietz e Álvarez Veinguer, 2014a; 2014b). Esta nova etnografia mais colaborativa obedece a uma mudança epistemológica que dissolve os tradicionais papéis de investigador e investigados, torna-se mais dialógica, coletiva, simétrica, descolonial, equitativa, e relacional (Clerke e Hopwood 2014).

É importante diferenciar entre etnografia colaborativa e etnografia em equipa. Na etnografia colaborativa, os etnógrafos partilham com os seus informantes métodos etnográficos e escrita, trabalho de campo coletivo e coescrita como estratégias de investigação. Além mais, muitas formas de etnografia colaborativa envolvem vários investigadores. A colaboração refere-se à relação entre o investigador e os investigados, vista como a interação entre o investigador e os locais, a razão pela qual se coproduz conhecimento profundo sobre as comunidades. É uma colaboração dialógica com os sujeitos que passam de ser considerados objetos a sujeitos da colaboração (cf. Dietz e Álvarez Veinguer 2014a, 2014b).

Já a investigação em equipa, diferente da etnografia colaborativa (cf. O'Reilly 2009: 201-208). Erickson e Stull (1998: 15), é um conjunto de ações de cooperação, associação entre investigadores. Esta minimiza

a solidão, a ansiedade e o desassossego que acompanha o tradicional trabalho de campo individual, enriquecendo-o ao diversificar os olhares. De acordo com Erickson e Stull (1998) há vários níveis ou passos a considerar numa investigação em equipa:

1. O começo. É uma fase relativa à seleção da equipa e a gestão da estrutura, mais ou menos hierárquica ou igualitária, mais ou menos cooperadora e distribuidora de responsabilidades.
2. “Estar ali”. Desde o pensamento de Clifford Geertz (1987; 1989) o trabalho de campo segue a orientação de “ser como os nativos” – “ser ali” – a “estar com os nativos” ou “estar ali”. No trabalho de campo em equipa as competências, capacidades, interesses e temperamentos são negociados e complementares, melhorando o desenvolvimento da investigação.
3. A aplicação de “métodos de trabalho de campo”. Neste passo os etnógrafos planificam os métodos e técnicas em permanente diálogo e intercâmbio, aproveitando também as novas tecnologias (ex. Dropbox), revendo as entrevistas realizadas ou enriquecendo os guiões de trabalho.
4. A fase da escrita. Esta é a fase mais difícil segundo os autores citados. Com quantas mãos devemos escrever? Adotamos uma polifonia ou a multivocalidade? Como escrever enquanto membros de uma equipa? São questões que os investigadores que trabalham em equipa se têm de debruçar. No nosso caso as nossas vozes tanto se articularam numa como em várias vozes, num diálogo permanente sobre a diferença e a diversidade. Isto obrigou a criar uma cultura cooperativa de investigação antropológica que partilhou responsabilidades, literatura científica, notas de campo, fotografias, documentos, documentários e outros.

Para Erickson e Stull (1998) o trabalho etnográfico em equipa é assimétrico, algo que, no nosso entender, nem sempre acontece (cf. De la Cruz e Gay, 2011; Gay e De La Cruz, 2012). A questão que consideramos importante aqui é a negociação das desigualdades e das diferenças na equipa. O primeiro passo é o reconhecimento das competências, experiências, saberes e contributos de cada membro da equipa, além do seu valor enquanto indivíduos e mais importante ainda, como um todo. Se os antropólogos estudam diferenças, se é esse o nosso lugar epistemológico, somos diferentes e temos que lidar com a nossa própria diferença e a dos colegas da equipa de investigação, sejam antropólogos ou outros cientistas. Isto não é fácil porque o ser diferente e reconhecer o seu direito e valor pode levar a uma certa marginalidade, pelo que inicialmente se deve definir o papel de cada membro da equipa. As assimetrias e as diferenças são parte da vida humana e para evitar conflitos e tensões devemos assumir que as diferenças podem enriquecer os projetos de investigação antropológica. As relações de amizade ou parentesco entre os membros da equipa podem constituir uma base de partida para uma boa etnografia em equipa, mas também pode representar um bom ponto de chegada.

Pensamos que as etnografias em equipa são uma construção coletiva do conhecimento antropológico, um processo através do qual temos encontrado mais vantagens do que desvantagens. Entre as primeiras, permitem criar uma visão antropológica mais complexa e multifacetada, um conhecimento mais aprofundado e intercultural do campo de estudo, a redução da tradicional hierarquia entre investigador e investigados, maior controlo de qualidade das etnografias e reforço ou questionamento da sua significância e validade. Além do mais, permite-nos ver os problemas de investigação através de mais olhos e sentir com mais sentidos, observando potencialmente contextos de ação sociocultural simultâneos em diferentes lugares, atingindo mais unidades de análise e de observação, confrontando criticamente diferentes experiências de observação participante para construir uma etnografia menos linear e uma interpretação mais poliédrica.

Já entre as desvantagens apontamos a grande quantidade de tempo necessário para as etnografias em equipa, pois precisam de mais diálogo, tempo e esforço de negociação das estratégias de terreno. Obriga ainda a pensar como partilhar as etnografias e como as analisar a várias mãos e com diferentes vozes, algo impossível de ultrapassar como o nosso e outros exemplos mostram.

A etnografia, particularmente a etnografia do turismo (cf. Frohlick e Harrison) pela complexidade do fenómeno, precisa cada vez mais de trabalho etnográfico em equipa. Também pelo carácter multi-situado e internacional da atividade turística (cf. Hollinshead, 2004: 63), a sua capacidade para criar uma cultura mundial (Kirshenblatt-Gimblett, 1998), e em simultâneo a capacidade de criar diferenças interculturais, é importante abordá-la com investigação em equipa (cf. Pereiro et al., 2012). Igualmente, a etnografia em equipa (colaboração entre investigadores), aplicada ao turismo, sustenta-se também na necessidade de planificar o turismo com mais observação e participação (cf. Hall, 2004: 138), pois a realidade não é apenas individual, é também social, coletiva e relacional, múltipla e contextual (Decrop, 2004: 160) o que estimula uma abordagem multietnográfica ou polietnográfica.

A etnografia do turismo passou de uma voz autorizada única em nome dos estudados para análises

conversacionais e dialógicas nas quais explora as experiências intersubjetivas e integra uma maior interdisciplinaridade (Phillimore e Goodson, 2004: 19). Desta forma tenta-se melhorar a qualidade da investigação antropológica tendo em atenção a intersubjetividade, a ética, os valores e a política, sem descuidar a triangulação multimetódica, os enfoques mistos e as abordagens sistémicas e pós-positivistas do turismo. Desta forma, diferentes investigadores ou antropólogos analisam o mesmo tipo de dados ou também dados e contextos diferentes, colocando em comum e em comparação realidades puzzle e construindo uma *bricolage* etnográfica mais complexa e rica em matizes (cf. Jordan e Gibson, 2004: 215-235; Belsky, 2004: 273-291). Precisamente sobre esta questão, no próximo ponto, vamos analisar e refletir sobre um exemplo desta etnografia em equipa, que nos vai permitir debater acerca das potencialidades deste caminho etnográfico.

Etnografia em equipa: como duas cabeças podem pensar mais e talvez melhor do que uma

Em 2002 Cebaldo de León e Xerardo Pereiro iniciam uma relação pessoal e intelectual no âmbito da licenciatura em antropologia aplicada do Pólo da UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro) em Miranda do Douro (Portugal). Desde então ambos empreenderam uma aventura antropológica de interconhecimento e intercâmbio que os levou a desenvolver um projeto de investigação longitudinal (2003-2013) sobre o turismo indígena guna na terra de origem de Cebaldo de León (cf. Pereiro e De León, 2007; Pereiro, 2010; 2013; 2015b; 2016), uma atividade que os gunas já desenvolviam há muitas décadas mas ainda pouco estudada até então.

Na altura, em 2003, Cebaldo de León tinha feito a sua licenciatura e mestrado em antropologia na antiga União Soviética (Universidade de Voronezh) e iniciava por então na Universidade de Córdoba (Espanha) o seu doutoramento em agroecologia. Xerardo Pereiro, licenciado em Geografia e História pela Universidade de Santiago de Compostela, tinha completado em 1997 a sua tese doutoral em antropologia sobre os processos de urbanização dos espaços rurais galegos (Galiza-Espanha). Em 1998, Xerardo Pereiro ganha uma vaga de professor de antropologia na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), no Norte interior de Portugal, onde desenvolve investigação ligada ao património cultural e ao turismo (cf. Pereiro, 2009; Pereiro, 2014). Ambos investigadores convergem, nos inícios do século XXI, no seu interesse pelo turismo enquanto fenómeno social e cultural e também no desejo de trabalhar juntos, para o qual tiveram de aprender a reconhecer as diferenças e a negociá-las. Sendo ambos antropólogos partilhavam muitas ideias e conhecimento mas ainda assim tiveram que negociar subjetividades nos seus olhares antropológicos (por exemplo, sobre a importância do turismo para a identidade indígena e a vida dos gunas). Durante o projeto de investigação, ambos elaboraram guias metodológicos, guiões de entrevista e de observação, realizaram etnografias audiovisuais conjuntas e escreveram a várias mãos textos e registos etnográficos.

O projeto beneficiou do íntimo e profundo conhecimento que Cebaldo de León tinha de Panamá e Guna Yala, e também do grande respeito que as comunidades gunas tinham por Cebaldo de León, filho da terra e reconhecido pelos seus méritos, carisma e ativismo a prol da cultura guna. Ele teve um papel de *sikwi* (mediador), *gatekeeper* e protetor da ética de investigação no terreno. Sem ele e sem esta colaboração ibero-americana o processo de investigação e resultados seriam certamente outros. Ele foi marcante na abertura de “portas”, autorizações e adaptações a um terreno complexo para europeus e estrangeiros em geral, mas foi mais importante ainda na criação de climas de confiança que ultrapassavam barreiras e criaram pontes entre humanos, e também na tradução e interpretação dos códigos linguísticos e culturais gunas.

Ambos investigadores assumiram o caráter interpretativo e literário dos registos em diário de campo, as auto-etnografias, as notas de campo (cf. Creese et al., 2008) e também uma consciência do caráter valorativo, pessoal e crítico da etnografia. Em destaque e sobretudo descobriram a necessidade de trabalhar em equipa e de forma colaborativa tanto entre antropólogos como com outros investigadores de turismo. Estas tarefas não foram sempre fáceis, apresentando vantagens e limitações que convém refletir e partilhar, algo particularmente importante no caso das etnografias do turismo (cf. Frohlick e Harrison, 2008).

Fazer etnografia do turismo em equipa significa colaboração na investigação etnográfica (Clerke e Hopwood, 2014). Na etnografia colaborativa, os etnógrafos compartilham teorias, métodos e escrita etnográfica, fazem trabalho de campo conjuntamente e escrevem juntos as estratégias de investigação. Dois são os níveis de colaboração, por um lado entre os etnógrafos, e por outro, entre os etnógrafos e os investigados, relações nas quais se debruçam os poderes de representação do “outro” antropológico e se dilucidam diferentes graus de participação no processo de investigação. Estas formas de representação etnográfica mais colaborativas podem ser praticadas de diferentes formas pelos investigadores.

No caso de Cebaldo realizou em muitos momentos uma série de crónicas literárias dos encontros no terreno, que foram publicadas em jornais de tiragem nacional e que acabaram por integrar os textos antropológicos pelo seu valor etnográfico. Estas crónicas ou narrativas etnopoéticas apresentavam um caráter interpretativo, compreensivo e íntimo que reforçavam e complementavam o caráter objetivador e descritivo da outra etnografia quali-quantitativa que praticaram durante a investigação. Estas etnografias colaborativas

adoptaram um caráter polifônico e dialógico, e foram resultado de um intenso diálogo e colaboração entre os investigadores e os investigados, co-produzindo um profundo conhecimento sobre o turismo e os seus efeitos sobre as comunidades recetoras, visitantes e agentes sociais do sistema turístico (cf. Pereiro e De León, 2007; Pereiro et al., 2012). As palavras chave destas etnografias colaborativas foram: equidade, co-escrita e o co-trabalho de campo com nativos, para além das figuras de informante ou assistente de campo tão habituais na história da antropologia.

Por outro lado, alguns autores diferenciam entre investigação etnográfica em equipa e investigação colaborativa (cf. O'Reilly, 2009: 201-208). A primeira define um nível de cooperação entre antropólogos, a segunda entre antropólogos e investigados. No nosso entender a uma não está em confronto com a outra e são no nosso entender diferentes níveis da mesma cooperação, necessária para o desenvolvimento de um bom trabalho de campo antropológico. Neste sentido, Erickson e Stull (1998: 15) descreveram a etnografia em equipa como uma união cooperativa e colaborativa entre antropólogos.

De acordo com Erickson e Stull (1998) toda investigação etnográfica em equipa é assimétrica e desigual, mas o importante é negociar essas assimetrias, não apenas ficar pelo direito às diferenças como afirmamos mais acima, de forma a solucionar, evitar ou canalizar tensões e conflitos que podem levar a roturas, divisões e fracassos dos projetos de investigação antropológica. No caso de estudo que nos ocupa, um fator muito importante foi o maior peso da relação amigável sobre a relação académica e profissional entre antropólogos. Neste sentido, a etnografia em equipa é uma construção coletiva do conhecimento antropológico, numa “autoria plural” muito forte e, desde a nossa perspetiva e experiência, apresenta as seguintes vantagens e desvantagens na aplicação à investigação do turismo enquanto fenómeno social e cultural complexo:

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Permite uma compreensão mais profunda do turismo; • Possibilita uma visão antropológica mais poliédrica; • Acesso a diferentes lugares da vida quotidiana em função do viés pessoal dos investigadores; • Reduz a hierarquia tradicional entre investigador e investigados; • Questiona as etnografias do outro investigador e confirma ou desmente a sua validade; <ul style="list-style-type: none"> • Outorga mais credibilidade à investigação; • Permite ver através de mais olhos e sentir através de mais sentidos; <ul style="list-style-type: none"> • Confronta visões e impressões de investigação diferentes; • Questiona as interpretações unilineares e unívocas; • Pode atingir mais unidades de análise e observação; • Representa uma maior validade interna à antropologia do turismo; <ul style="list-style-type: none"> • Possibilita melhores etnografias multissituadas e comparativas; 	<p style="text-align: center;">✓</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Levam muito tempo e diálogo; ✓ Perde-se muito tempo em negociações de estratégias de campo; ✓ Obriga a pensar como partilhar as etnografias; ✓ Ao levantar mais informação etnográfica criam-se limitações no consumo de tempo para análise de dados; ✓ Contrariam o individualismo académico tão premiado pelas avaliações, índices e rankings.

Quadro 1: Vantagens e desvantagens das etnografias em equipa

Fonte: Elaboração própria

Aprendizagens interculturais

Nesta secção do texto os dois autores respondem reflexivamente, num certo estilo conversacional, autoetnográfico e quase num tom de certa intimidade (cf. Ellis, 2004), por separado, a um pequeno conjunto de questões à volta da etnografia em equipa sobre o projeto de investigação em equipa sobre o turismo indígena guna (Panamá) e o processo de aprendizagem intercultural entre um antropólogo luso-galego e um antropólogo guna-panamiano. No caso de Xerardo Pereiro, a escrita é feita em português de Portugal e a de Cebaldo de León em espanhol, respeitando a diversidade e construindo uma colagem linguística e intelectual que é permanente nesta etnografia em equipa. No fim deste ponto, ambos continuam o diálogo para escrever juntos algumas reflexões finais sobre o valor que apresenta a etnografia em equipa.

A perspetiva de Xerardo Pereiro

Como Xerardo Pereiro conheceu Cebaldo de León?

Vivo entre Portugal e a Galiza desde o ano 1997, sou um trabalhador transfronteiriço e pendular, tenho dupla nacionalidade e sinto-me um cosmopolita com raízes. Conhecer a Cebaldo de León foi como a chegada de um anjo protetor que orienta o teu caminho e faz-te crescer em todos os sentidos. Conheci a Cebaldo de León em 2001 quando ainda estava a trabalhar no antigo Pólo da UTAD em Miranda do Douro (Portugal) e, por mediação do antropólogo e amigo Paulo Castro Seixas, um dia recebi uma chamada telefónica de CL, explicando-me que era “guna”. Eu já tinha lido textos sobre os gunas, a sua autonomia política, a sua mitologia e a sua forte afirmação identitária e indígena, mas essa chamada foi um salto qualitativo enorme. Não fui eu procurar “indígenas”, foram eles que me procuraram, escolheram e aceitaram para fazer parte do seu mundo. Neste sentido fui e considero-me muito afortunado. A partir de aí Cebaldo de León veio a Miranda do Douro várias vezes para ministrar seminários aos nossos alunos de antropologia, e a partir de aí começamos a organizar um projeto de investigação.

Por um lado eu tinha feito trabalho de campo em Astúrias Ocidental (sobre identificações regionais e nacionais) e na Galiza (sobre património cultural e relações entre o rural e o urbano), e desejava passar de uma “antropologia em casa” a ter uma experiência num contexto cultural de maior distância e diferença cultural. Por outro, Cebaldo de León queria continuar a viajar e investigar as mudanças na sua terra de origem (Guna Yala – Panamá). Numa primeira fase do projeto até chegámos a integrar na equipa uma aluna finalista de antropologia, Ana Rita Lopes, quem fez a sua tese de licenciatura sobre os efeitos do turismo numa comunidade guna (Gardi Suidup). Em setembro de 2003 fizemos a nossa primeira viagem juntos ao Panamá e ali descobri a grande importância do turismo enquanto fenómeno sociocultural entre os gunas, e o seu grande esforço por construir um turismo de base local, comunitário, auto-organizado e responsável. A partir de aí preparámos um projeto de investigação de meio-longo prazo e procurámos financiamento para a pesquisa.

A negociação da diferença

Cebaldo de León tem uma idade superior a minha, é guna-panamiano, estudou em Rússia e morava em Portugal. Um cosmopolita com raízes, interessado em questões de agroecologia e ambiente, conhecedor íntimo a cultura portuguesa. Sendo mais jovem aprendi muito com a sua longa experiência internacional. Afinal, acabámos por confiar muito um no outro e construímos um sonho conjunto. Os dois procedemos de culturas subalternas, a guna e a galega, e os dois aprendemos a negociar essa subalternidade comum que nos aproximou imenso. Entre nós falamos três línguas: espanhol, português e a linguagem do coração e dos sentimentos. A língua espanhola como língua ponte ajudou-nos a construir muitos canais de comunicação entre ambos, e também a alargar o nosso trabalho pelo mundo através de uma língua global como é o espanhol. A língua guna ajudou-nos a aprender outros modos de viver, por um lado, o seu domínio da língua guna associado ao grande respeito que os gunas têm por ele, facilitou-nos uma entrada mais rápida e exequível no terreno, permitiu-nos assim criar mais confiança entre os gunas.

O que a etnografia colaborativa e a etnografia em equipa me ensinou

A etnografia colaborativa ensinou-me a acreditar nos sujeitos sociais coletivos, a pensar melhor o poder da antropologia como técnica de combate ao etnocentrismo, a que duas cabeças podem pensar, ver e analisar mais, melhor e de forma diferente a diversidade sociocultural. Também me ensinou as nossas limitações e imperfeições, a necessidade da interculturalidade para a construção de uma cultura humanista universal. Juntos fomos e somos melhores e mais humanos, e ao adotar olhares cruzados sobre um objeto-problema-terreno de estudo. No fundo ensinou-me a conhecer melhor os gunas e os panamianos, sendo iniciado e

inculturado aprendí que a cultura era diferença mas também semelhança e similitude, porosidade e pontes. Afinal vivemos no mesmo planeta e ainda que em mundos e universos culturais diferentes estamos desafiados a entender-nos e lidar com as diferenças de forma pacífica.

O que aprendi com Cebaldo de León

Com Cebaldo de León aprendi a alargar a minha sensibilidade cultural face ao entendimento das lógicas e racionalidades culturais diferentes. Também aprendi a conhecer América Latina desde América Latina, a ver a viagem turística com um olhar mais antropológico, a lidar com um grande leque de diferenças e diversidades, a partilhar o conhecimento e a não sentir-se proprietário desse conhecimento. Por outro lado também aprendi com os gunas e com Cebaldo de León que outro turismo é possível, que há uma grande diversidade de turismos e de turistas e que não é linear o desenvolvimento do turismo em contextos de globalização como os que estamos a viver.

Como o trabalho de antropólogo colaborativo com Cebaldo de León me afetou pessoalmente

Enquanto antropólogo sempre misturei a minha vida profissional com a pessoal porque considero a antropologia não apenas como um ofício e sim como um modo de viver e de estar na vida. Cebaldo de León integrou-se na minha vida pessoal como um amigo (“anai” em língua guna) e cúmplice de uma longa caminhada. Como passámos muito tempo juntos fui obrigado a negociar com a família os tempos e espaços entre Europa e América Latina, algo nem sempre fácil e que gera problemas para antropólogos que fazem trabalho de campo longe dos seus locais de residência ou que tenham filhos que cuidar, como era o meu caso.

A visão de Cebaldo de León

Como Cebaldo de León conheceu Xerardo Pereiro?

Desde 1987, vivo en Portugal, por motivos domésticos, sentimentales y familiares. Y eso me fué alejando un poco de la intensa vida académica y de campo con mis orígenes y mis comunidades. Claro, sin nunca olvidar las raíces, los estudios, las curiosidades, siempre urgentes y necesarios de la vida política y académica de mi Casa Grande, Panamá y Guna Yala. En 1999 realicé un intenso trabajo de campo en Centroamérica, en una tarea con otros investigadores que a lo largo de América Latina, tratando de diagnosticar la situación de los pueblos indígenas. Un trabajo con el apoyo de la cooperación sueca y la Unión Europea. Este trabajo, despertó en mi, las ganas de continuar más intensamente los estudios en áreas indígenas, sobre todo en Panamá, por razones también de querer hacer una antropología en casa, como tratar de concluir mi formación académica.

Y al regreso a Portugal (2000/2001), tratamos de encontrar una escuela o un centro de investigaciones donde podíamos continuar estos trabajos en colaboración con algún antropólogo portugués y además seguir nuestra pesquisa doctoral. Y el Pólo de la UTAD em Miranda do Douro, fue uno de los primeros, y contacté el centro y por correo a Xerardo Pereiro. Una de las razones, era que la UTAD tenía en sus planes de estudios la antropología aplicada, y eso me llamó mucho la atención. Y desde entonces nuestro diálogo, amistad y complicidad, se encontraron y empezamos este diálogo fecundo y académico hasta los días de hoy (2017).

Negociando a diferença entre com o Xerardo Pereiro

Creo que desde el primer momento, muchas de nuestras ideas eran comunes, la de realizar un trabajo de campo en áreas indígenas, intercambiar lecturas sobre los temas de nuestro interés. Y el hecho que ambos eramos “extranjeros” en tierra lusa, creo que también nos unió, la lengua comun (español) y sobre el interés en un tema que le era caro a Xerardo Pereiro, y para mi era importante su estudio: el Turismo!. Lo que nos podía diferenciar, desde nuestras formaciones e historias, nos fue complementando, además veía en Xerardo Pereiro, que ya tenía su doctorado, una rica experiencia académica, que nos podía ayudar. Y allí, entonces era un discípulo!

O que ensinou a etnografia colaborativa e a etnografia em equipa me ensinou

Una investigación en “casa” es también un viaje hacia el interior de uno mismo. Confrontarnos con nuestras dudas, con las transformaciones ocurridas en nuestra forma de entender los cambios y rituales en las comunidades, no solo desde la mira del “especialista”, sino del que regresa al hogar y trata de entender la vieja canción y los poemas antiguos. Y en este caso, era eso el regreso a Casa, pero a la vez tratar de “estudiarla” desde cierta distancia, y con un equipo multidisciplinar. Existen algunas ventajas de estudiar

su propia cultura, ya que conocemos muchas rutinas diarias que a veces son difíciles de observar por los otros. Como saber de ciertos hábitos, prejuicios, estereotipos, o sea podemos tener un mapa, pero ¿será que entendemos profundamente los mecanismos y principios que la organizan?

El investigador, mismo que sea de la comunidad, o sea nativo, no deja de ser alguien que llega a “preguntar”, a observar desde una cierta distancia las actividades de los comuneros. Y en el caso de alguien que estudia turismo, no deja de ser en parte un turista. Siempre con el cuidado de no caer en la parroquialización, el etnocentrismo, el chauvinismo, aunque no sea fácil escapar de estas situaciones. Cómo de saber hasta qué grado de compromiso podemos llegar, hasta donde podemos involucrarnos en los trabajos más políticos o de una activa militancia cultural. Y manteniendo siempre una postura crítica y autocrítica. Y este largo trabajo de campo, primero solamente con Xerardo Pereiro (2003/2007) y después con un gran equipo de investigadores de diferentes áreas y culturas fue una extraordinaria escuela, en lo personal y lo íntimo, como en nuestra formación de investigador.

La importancia, de escuchar, del diálogo de saberes, de confrontar nuestras “cosmovisiones” con los otros. De alargar el horizonte, que no solamente nuestra mirada, nuestro “olhar”, la que interpreta el momento o el trabajo, sino ¿cómo cruzar estas miradas diferentes, plurales...? ¿Dónde encontrar el punto de encuentro? Y la importancia del colectivo, del equipo, que no es tarea fácil en los trabajos académicos.

O que aprendi com Xerardo Pereiro

Continuo a aprender, sobre todo que el diálogo es permanente, que no es y no puede ser solo en el proceso de trabajo de campo, o académico, que nuestra relación va más allá. Casi podía decir...hoy somos hermanos (en la lengua Guna, en la vida de los Guna, es *guenad*, *garguenad*, le decimos cuando ya las complicidades son permanentes y fuertes). Descubrí muchos autores e investigadores, tanto teóricos y en lecturas recomendadas, como en presentaciones personales, gracias a Xerardo Pereiro, mi geografía sentimental, como mis amistades académicos y extra-académicos se alargaron. Mucha metodología, mucha lectura de campo. Y la necesidad de un permanente trabajo de escrita, de llevar al pormenor los datos y los días (continuo a no ser un buen alumno, en eso, pero lo intento...). Y aprendí a amar Galicia y sus habitantes!

Como o ofício de antropólogo colaborativo com Xerardo Pereiro afetou a vida pessoal de Cebaldo de León?

Como dije, mi geografía sentimental se alargó. Y también con esta colaboración también llegó, o fueron llegando, producto de este duro e intenso trabajo de campo, de apoyos de las comunidades, del intenso diálogo con colegas y amigos, los “aplausos” y los premios conjuntos, y eso claro te modifica muchas cosas en la vida personal. La beca-premio ganada de la *National Geographic Society*, del premio FITUR 2007 a los resultados de nuestra primera investigación de campo, el premio de investigación turística Gabriel Escarrer 2012 de la Universidad de las Islas Baleares (España) al trabajo final de investigación, y otros, los libros conjuntos, las decenas de artículos, los viajes conjuntos a conferencias, seminarios, talleres, encuentros académicos y culturales. Encuentros todos ellos que alargaron mi visión de la vida y del mundo.

Conclusões

Na introdução do nosso texto apresentamos uma reflexão sobre o nosso entendimento da etnografia antropológica e a passagem de uma etnografia individual para uma etnografia em equipa e também colaborativa. Após apresentar as vantagens e desvantagens deste tipo de etnografia em equipa, os dois autores por separado expõem as aprendizagens interculturais resultantes de uma longa e intensa etnografia dialógica. O resultado foi uma antropologia mestiça, *cross-cultural* e transnacional partilhada com a academia e as sociedades em observação (cf. Pereiro e De León, 2007; Pereiro et al., 2012). Ao longo do texto pensamos a etnografia em equipa como um tipo de etnografia colaborativa entre investigadores. Portanto não consideramos a etnografia colaborativa apenas como alguns a definem, isto é, como co-investigação ou co-produção do conhecimento entre investigador e investigados. Há outro nível de colaboração entre os investigadores.

A etnografia em equipa é algo mais habitual em antropologia do que às vezes se pensa (ex. Margaret Mead, Reo Fortune e Gregory Bateson), e temos que enquadrar esta numa longa tradição antropológica de trabalho em equipa que questiona uma certa antropologia heroica e falsamente individualista, ainda que tenha diferenças. Isto é, muita etnografia em equipa desenvolveu só partes do processo de trabalho de campo em equipa e a publicação final foi feita por investigadores individuais. Em muitos outros casos a etnografia em equipa praticada em parilha (ex. casal) acaba com uma publicação protagonizada por apenas um antropólogo, invisibilizando a coautoria e colocando apenas um pequeno reconhecimento em nota de rodapé a sua companheira (muitas vezes também era formada em antropologia).

Hoje em dia, a etnografia em equipa representa um desafio ao individualismo académico hegemónico, premiado pelas avaliações e *rankings* universitários, e à agenda neoliberal da investigação. Esse desafio é

assumido por alguns como um modelo de trabalho antropológico que visibiliza a autoria coletiva e invisibiliza a autoria individual. Um magnífico exemplo disto que afirmamos é a obra “La sonrisa de la institución” (Velasco Maíllo et al., 2006), na qual a equipa de investigadores publica com autoria coletiva oito etnografias institucionais e organizacionais.

Em jeito de conclusão, afirmamos que a construção de etnografias em equipa, com todas as suas complexas negociações e tratos, oferece um modelo de trabalho etnográfico que acaba por outorgar potencialmente mais credibilidade ao trabalho de campo antropológico (cf. Decrop, 2004) e contribuir para a descolonização das ciências sociais (Smith, 1999; Leyva, Burguete e Speed, 2008; De Sousa Santos, 2010).

Agradecimentos

Muito agradecemos ao Prof. Edgar Bernardo (UTAD – CETRAD) pela revisão do texto. Agradecemos ao CETRAD pelo apoio a este projeto e texto financiado por Fundos Europeus Estruturais e de Investimento, na sua componente FEDER, através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020) [Projeto nº 006971 (UID/SOC/04011); Referência do Financiamento: POCI-01-0145-FEDER-006971]; e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2013.

Bibliografia

BELSKY, Jill. M.

2004 “Reflections on ecotourism research in Belize: implications for critical qualitative methodology in tourism research”- In PHILLIMORE, J. e GOODSON, L. (eds.), *Qualitative Methods in Tourism Research*. London, Routledge, pp. 273-291.

BERNARD, H. Russel

2006 *Research Methods in Anthropology. Qualitative and Quantitative Approaches*. New York, Altamira Press.

CLERKE, Teena e HOPWOOD, Nick

2014 “Ethnography as Collective Research Endeavor”. In CLERKE, T. e HOPWOOD, N. (eds.), *Doing ethnography in teams. A Case Study of Asymmetries in Collaborative Research*. Dordrecht, Springer, pp. 5-18.

CREESE, Angela; BHATT, Arvin; BHOJANI, Nirmala e MARTIN, Peter,

2008 “Fieldnotes in team ethnography: Researching complementary schools”. *Qualitative Research*, vol. 8, n. 2, pp. 197 –215.

DA SILVA RIBEIRO, José

2003 *Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia*. Lisboa, Universidade Aberta.

DA SILVA RIBEIRO, José

2004 *Antropologia Visual. Da minúcia do olhar ao olhar distanciado*. Porto, Edições Afrontamento.

DECROP, Alain

2004 “Trustworthiness in qualitative tourism research”. In PHILLIMORE, J. e GOODSON, L. (eds.), *Qualitative Methods in Tourism Research*. London, Routledge, pp.156-169.

DE LA CRUZ, Liria y GAY Y BLASCO, Paloma

2011 *Friendship, Anthropology*. Londres, Working Papers Series 10, Open Anthropology Cooperative Press, Online em <http://openanthcoop.net/press/http://openanthcoop.net/press/wp-content/uploads/2011/11/Working-Paper-102.pdf>

DE SOUSA SANTOS, Boaventura

2010 *Descolonizar el Saber, reinventar el poder*. Montevideo: Ediciones Trilce. DÍAZ DE RADA, Angel

2011 *El taller del etnógrafo. Materiales y herramientas de investigación en etnografía*. Madrid, UNED.

DIETZ, Gunther e ÁLVAREZ VEINGUER, Aurora

2014a “Etnografía colaborativa: coordenadas desde un proyecto en curso (InterSaberes)...”. In UNIVERSITAT ROVIRA I VIRGILI (ed.), *Periferias, fronteras y diálogos: actas del XIII Congreso de Antropología de la Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español*. Tarragona, Universitat Rovira i Virgili, pp. 3447-3471. Online em <http://digital.publicacionsurv.cat/index.php/purv/catalog/book/123>

- DIETZ, Gunther e ÁLVAREZ VEINGUER, Aurora
2014b “Reflexividad, interpretación y colaboración en etnografía: un ejemplo desde la antropología de la educación”. In OEHMICHEN BAZÁN, C. (ed.), *La etnografía y el trabajo de campo en las ciencias sociales*. México, D.F., UNAM - Instituto de Investigaciones Antropológicas, pp. 55-89.
- ELLIS, Carolyn
2004 *The Ethnographic I. A Methodological Novel about Autoethnography*. Walnut Creek (California): Altamira Press.
- ERICKSON, Kennett Cleland e STULL, Donald
1998 *Doing team ethnography: Warnings and advice*. Thousand Oaks, Sage.
- FERNÁNDEZ DE ROTA Y MONTER, José Antonio
2012 *Una etnografía de los antropólogos en EEUU. Consecuencias de los debates posmodernos*. Madrid: Akal.
- FIFE, Wayne
2005 *Doing Fieldwork. Ethnographic Methods for Reserch in Developing Countries and Beyond*. New York, Palgrave Macmillan.
- FROHLICK, Susan e HARRISON, Julia
2008 “Engaging ethnography in tourist research: An introduction”. *Tourist Studies*, vol. 8, n.1, pp. 5-18.
- GAY Y BLASCO, Paloma e DE LA CRUZ, Liria
2012 “Friendship, Anthropology”. *Anthropology and Humanism*, vol. 37, n.1, pp. 1-14.
- GEERTZ, Clifford
1987 *La Interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa.
- GEERTZ, Clifford
1989 *El antropólogo como autor*. Barcelona: Paidós.
- GUASCH, Oscar
2002 *Observación participante*. Madrid, CIS.
- GUBER, Rosana
2001 *La etnografía, método, campo y reflexividad*. Bogotá, Grupo Editorial Norma.
- GUBER, Rosana
2004 *El salvaje metropolitano. Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo*. Buenos Aires, Paidós.
- GUBER, Rosana
2011 *Etnografía, método, campo y reflexividad*. Buenos Aires, Siglo XXI.
- HALL, Michael
2004 “Reflexivity and tourism research. Situating myself and/with others”. In PHILLIMORE, J. e GOODSON, L. (eds.), *Qualitative Methods in Tourism Research*. London, Routledge, pp. 137-155.
- HAMMERSLEY, Martyn e ATKINSON, Paul
[1984] 1994 *Etnografía: Métodos de investigación*. Barcelona, Paidós.
- HARDING, Susan
1987 *Feminism and methodology*. Bloomington, Indiana University Press.
- HESSEN, Johannes
1961 *Teoría del conocimiento*. Madrid, Espasa-Calpe.
- HOLLINSHEAD, Keith
2004 “Primer in ontological craft: The creative capture of people and places through qualitative research”. In PHILLIMORE, J. e GOODSON, L. (eds.), *Qualitative Methods in Tourism Research*. London, Routledge, pp. 63–82.
- JORDAN, Fiona e GIBSON, Heather
2004 ‘Let Your Data Do the Talking: Researching the Solo Travel Experiences of British and American Women’. In PHILLIMORE, J. e GOODSON, L. (eds.), *Qualitative Methods in Tourism Research*. London, Routledge, pp. 215-235
- KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara
1998 *Destination Culture. Tourism, Museums, and Heritage*. Los Angeles, University of California Press.

- KENZIN, Norman K.
1997 *Interpretative Ethnography. Ethnographic Practices for the 21st Century*. London, Sage.
- LASSITER, Luke Eric
2005 *The Chicago guide to collaborative ethnography*. Chicago, University of Chicago Press.
- LEYVA, Xochitl; BURGUETE, Araceli e SPEED, Shannon (coord.)
2008 *Gobernar (en) la diversidad: experiencias indígenas desde América Latina. Hacia la investigación de colabor.* México D.F., CIESAS e FLACSO, Online em <http://www.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/40038.pdf>.
- LLOBERA, Josep R., (ed.)
1985 *La antropología como ciencia*. Barcelona, Anagrama.
- LLOBERA, Josep, R.
1990 *La identidad de la antropología*. Barcelona, Anagrama.
- MEAD, Margaret
1987 *Experiencias personales y científicas de una antropóloga*. Barcelona, Paidós.
- O'REILLY, Karen
2009 *Sage key Concepts: Key concepts in ethnography*. London, SAGE.
- PEIRANO, Mariza
2006 *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro Jorge Zahar.
- PEREIRO, Xerardo e DE LEÓN, Cebaldo
2007 *Los impactos del turismo en Kuna Yala (Panamá). Turismo y cultura entre los Kuna de Panamá*. Madrid, Editorial Ramón Areces.
- PEREIRO, Xerardo
2009 Turismo cultural. Uma visão antropológica. La Laguna: PASOS. Online em <http://www.pasosonline.org>
- PEREIRO, Xerardo
2010 "Ethnographic Research on Cultural Tourism: An Anthropological View". In RICHARDS, Greg e MUNSTERS, Will (coords.), *Cultural Tourism Research Methods*. London, CABI, pp. 173-187.
- PEREIRO, Xerardo
2013 "Tourism and indigenous cultures in Latin America". In SMITH, Melanie e RICHARDS, Greg (eds.), *Handbook on Cultural Tourism*. London, Routledge, pp. 214-219.
- PEREIRO, Xerardo; VENTOCILLA, Jorge; MARTÍNEZ MAURI, Mónica.; DE LEÓN, Cebaldo de León e DEL VALLE, Yadixa
2012 Los turistas kunas. Antropología del turismo étnico en Panamá. Palma de Mallorca, Universitat de las Illes Balears, Online em http://www.pasosonline.org/Publicados/pasos_difunde/LIVRO-15-LOS-TURISTORES-KUNAS.pdf
- PEREIRO, Xerardo
2014 "Da antropologia à antropologia aplicada ou a afirmação da antropologia no Norte de Portugal". *Etnográfica*, vol.18, n. 2, pp. 425-440, Online em <http://etnografica.revues.org/3776>
- PEREIRO, Xerardo e FERNANDES, Filipa
2015a "Antropologia e turismo: dos trilhos, atores e espaços à genealogia da turistificação da Antropologia em Portugal". *Pasos – Revista de Turismo e Património Cultural*, vol. 13, n. 2, pp. 333-346, Online em <http://www.pasosonline.org>
- PEREIRO, Xerardo
2015b "Anthropological research on the impacts of indigenous tourism". In MUNSTERS, Will e MELKERT, Marjan (ed.), *Anthropology as a driver for tourism research*. Antwerp, Garant Publisher, pp. 47-68.
- PEREIRO, Xerardo
2016 "A review of Indigenous tourism in Latin America: Reflections on an anthropological study of Guna Tourism (Panama)". *Journal of Sustainable Tourism*, vol. 24, n. 8-9, pp. 1121-1138.
- PHILLIMORE, Jenny e GOODSON, Lisa (eds.)
2004 *Qualitative Research in Tourism. Ontologies, epistemologies and methodologies*. London, Routledge,

- RABINOW, Paul
1992 *Reflexiones sobre un trabajo de campo en Marruecos*. Madrid, Júcar.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald
1975 *El método de la antropología social*. Barcelona, Anagrama.
- ROSSI, Ino e O'HIGGINS, Edward
1981 *Teorías de la cultura y métodos antropológicos*. Barcelona, Anagrama.
- SMITH, Linda Tuhiwai
1999 *Decolonizing methodologies: Research and indigenous people*. London, Zed Books.
- SPRADLEY, John P.
1980 *Participant Observation*. New York, Holt, Rinehart and Winston.
- STOCKING, George W.
1992 *The Ethnographer's Magic and Other Essays in The History of Anthropology*. Madison-London, The University of Wisconsin Press.
- TAX DE FREEMAN, Susan
1991 "Aproximación a la distancia: El juego entre intimidad y extrañeza en el estudio cultural". In CÁTEDRA, María (ed.), *Los españoles vistos por los antropólogos*. Madrid, Júcar, pp. 127-141.
- VELASCO, Honorio e DÍAZ DE RADA, Ángel
1997 *La lógica de la investigación etnográfica. Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela*. Madrid, Trotta.
- VELASCO, Honorio; DÍAZ DE RADA, Ángel; CRUCES VILLALOBOS, Francisco; FERNÁNDEZ SUÁREZ, Roberto; JIMÉNEZ DE MADARIAGA, Celeste; SÁNCHEZ MOLINA, Raúl
2006 *La sonrisa de la institución. Confianza y riesgo en sistemas expertos*. Madrid, Editorial Ramón Areces.

